

KUPFER, D. Seleção adversa. *Valor Econômico*, Rio de Janeiro, 19/07/2010.

Seleção adversa

19/07/2010

Não, não é de Copa do Mundo nem da seleção de futebol que essa coluna vai tratar. O assunto aqui é a corrente de comércio exterior brasileira e os efeitos de uma política cambial que, às custas da manutenção de superávits comerciais nos últimos anos, vai se eternizando, a despeito de todas as evidências, reforçadas pelos números recentes, de que esse resultado não é sustentável em um horizonte temporal mais longo. Como as primeiras análises dos recém-divulgados números do comércio exterior brasileiro já cuidaram de pontuar, registrou-se neste primeiro semestre de 2010 um saldo comercial de US\$ 7,88 bilhões, o menor valor dos últimos oito anos. Não há dúvida de que a aceleração das importações, que experimentaram um aumento de 43,9% no período, é a principal causa desse retrocesso. E esse saldo só não foi ainda menor porque as exportações cresceram 26% em relação a igual semestre do ano passado, crescimento esse que, em boa parte, decorreu de uma inesperada recomposição dos preços internacionais de várias das commodities que formam o núcleo da especialização das vendas brasileiras ao exterior.

A volta da dinâmica do comércio exterior à trajetória pré-crise, sugerido pelos números do primeiro semestre, significa que o retorno do déficit comercial tende a ser tão somente uma questão de tempo. Uma melhor compreensão da dinâmica recente do comércio exterior brasileiro é possibilitada pela observação de outras variáveis além do saldo e da corrente comercial. Adiante comentam-se rapidamente duas dessas variáveis: a taxa de cobertura, que expressa o valor das exportações relativamente ao das importações do país; e os coeficientes de comércio, que relacionam os valores exportados e importados ao valor produzido pelo país. Para evitar interferência de fatores sazonais, e tendo em vista a disponibilidade de informação, foram calculados os valores desde 2005 até o presente para os primeiros semestres no caso do primeiro indicador e apenas para os quatro primeiros meses de cada ano no caso do segundo indicador.

Com relação à taxa de cobertura, para a totalidade dos bens industriais (exclusive setor petróleo) o valor das exportações, que correspondia a 166% das importações em 2005, caiu para 137% em 2007 e agora, em 2010, é de somente 99%. Para o segmento de bens de maior conteúdo tecnológico (bens duráveis e de capital), esses números eram 94% em 2005 e 72% em 2007 e, agora, é 41%. Mesmo para a indústria tradicional, a piora da taxa de cobertura é visível: 175% em 2005 para 87% em 2010. Esses números, que mostram uma inquestionável rapidez no processo de deterioração do indicador, sugerem causas sistêmicas para o processo. Já com relação aos coeficientes de exportação e importação, é notável a divergência nas trajetórias desses indicadores nos últimos anos. As estimativas preliminares disponíveis mostram que, entre 2005 e 2010, as exportações brasileiras de produtos industriais (exclusive o setor petróleo) reduziram-se de 23,4% para 19,2% do valor da produção industrial enquanto que o valor importado dos mesmos bens subiu de 15,8% para 20,4% do valor produzido. É marcante a queda ainda maior, de quase dez pontos percentuais, verificada no coeficiente de exportação de setores de maior

intensidade tecnológica. Com amplitude menor, mas longe de desprezível, verificou-se processo análogo também para as indústrias tradicionais. Por trás desses movimentos, está em curso um profundo ajuste do saldo comercial, que reflete um balanço entre valores cada vez mais positivos para as commodities e cada vez mais negativos para os bens intensivos em tecnologia. De modo análogo, a explosão da corrente de comércio (a soma das exportações e importações) deriva do grande avanço da abertura dos setores de commodities pelo lado das exportações e dos setores de maior intensidade tecnológica pelo lado das importações.

Não há como não concluir que esse quadro revela um processo sistêmico de perda de competitividade da indústria brasileira, reflexo do fato de que as exportações crescem a um ritmo menor do que a produção, sugerindo dificuldade crescente para exportar, enquanto o contrário se dá com as importações. Em síntese, a balança comercial brasileira está caminhando para um padrão dual, no qual a indústria tradicional, mais fechada, pouco contribui para a obtenção de divisas enquanto os setores de commodities e de maior intensidade tecnológica, mais abertos, seguem em direções opostas: os primeiros como grandes exportadores líquidos, os segundos como grandes importadores líquidos. Em outras palavras, cada vez mais prevalece um ambiente econômico que promove uma espécie de seleção adversa com respeito às possibilidades de sobrevivência dos diversos produtos na pauta de exportações brasileira, dificultando a permanência daqueles de maior conteúdo tecnológico. É preocupante que muitos dos que participam dos debates sobre a formulação da política econômica não percebam que esse padrão de especialização comercial é equivocado e tende a revelar-se insustentável mais adiante. Faz lembrar um certo treinador que, às custas de alguns bons resultados parciais, insistiu em competir com os jogadores errados. Bem, mas a coluna não é sobre futebol...